ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM MANUAIS DE AUTOESTUDO PREPARATÓRIOS PARA O TOEFL® iBT

READING STRATEGIES IN SELF-STUDY PREPARATION BOOKS FOR THE TOEFL® iBT TEST

Graziella Steigleder Gomes*

Resumo: O TOEFL - *Test of English as a Foreign Language* - é um exame largamente utilizado como comprovante de proficiência em língua inglesa ou como pré-requisito para ingresso em universidades norte-americanas. No presente artigo, buscamos submeter a escrutínio estratégias de leitura descritas em manuais de autoestudo que preparam para esse teste. Para tanto, empreendemos uma revisão de literatura sobre esse tema, na qual definimos o que vêm a ser estratégias e habilidades de leitura, para, na sequência, cotejar essas noções ao conteúdo encontrado nos manuais. A análise evidencia que nesses, frequentemente, as estratégias elencadas são descritas como "dicas" ou "táticas"; estando entre as mais frequentes e relevantes: evitar o uso do processo ascendente, fazer uso de inferências, bem como de *skimmimg* e *scanning*. Dessa forma, a ênfase recai sobre uso utilitário e estratégico do ato de ler, sendo desencorajada a leitura voltada à fruição.
Palavras-chave: TOEFL. Estratégias de leitura. Habilidades de leitura.

Abstract: The TOEFL - *Test of English as a Foreign Language* – is largely used as a language proficiency evidence or as an entry requirement for north american universities. In this article, we aim to submit to scrutiny reading strategies described in self-study manuals targeted at TOEFL applicants. In order to do so, we carried out a review of literature in which we define what reading strategies and reading abilities are, to later collate these notions to the contents found in the self-study manuals. The analysis shows that, in these, reading strategies are often described as "tips" or "tactics"; among the most frequent and relevant, we find: avoiding bottom-up processing, guessing, skimming and scanning. Thus, the utilitarian and strategic usage of reading is emphasized, and reading for fruition is discouraged.
Keywords: TOEFL. Reading strategies. Reading skills.

1. Introdução

No presente artigo, analisamos estratégias de leitura encontradas em materiais de tipo autoestudo voltados a candidatos que buscam se preparar para o TOEFL iBT. Para dar conta de nossos propósitos, iniciaremos descrevendo um panorama sobre o teste e as características específicas da seção de *reading*. Na sequência, buscaremos definir o que são estratégias e habilidades de leitura, a fim de que possamos, mais adiante, relacionar essas noções ao conteúdo que encontramos referentemente a esses tópicos nos materiais os quais submetemos a exame. Logo após, passaremos a cotejar os achados em relação às noções propriamente estabelecidas, com o objetivo de compreender de que forma esses podem ser significativos para os candidatos. Por fim, procederemos a uma breve análise, e buscaremos sustentar a necessidade de haver uma instrução explícita de estratégias de leitura para que os candidatos ao TOEFL possam nesse teste obterem êxito.

2. Sobre o TOEFL iBT

O TOEFL iBT - *Test of English as a Foreign Language, internet based test* (teste de inglês como língua estrangeira, versão internet) tem como propósito acessar competências linguísticas que se fazem importantes para a comunicação em ambientes

* Graduada em Letras pela UFRGS, mestre em linguística pela PUCRS e atualmente doutoranda em linguística, também na PUCRS. E-mail: graziellasg@hotmail.com

CC BY

acadêmicos nos quais a língua inglesa é utilizada. É, dessa forma, dirigido principalmente a estudantes que pretendem ingressar em universidades norte-americanas. Esse teste é elaborado desde 1965 pelo Education Testing Service (ETS) de Princeton, primeiramente em sua versão tradicional (em "papel"), e desde 2006, também via internet. É considerado o mais importante teste padronizado de inglês nos Estados Unidos da América. Anualmente, quase um milhão de candidatos se submetem a esse exame em centros de teste ao redor do globo; ele é aceito em cerca de 5000 instituições de ensino nos EUA e Canadá como parte da candidatura às vagas oferecidas a estrangeiros; pode ser igualmente utilizado como comprovante de proficiência (ROGERS, 2007).

O teste dura 4h e divide-se em quatro partes, que testam leitura, audição, fala e escrita (respectivamente, *reading*, *listening*, *speaking* e *writing*). As tarefas às quais o candidato é submetido são integradas, simulando experiências que esse potencialmente poderá experimentar em seu ambiente acadêmico, isto é, para responder a uma determinada questão de *speaking*, por exemplo, pode ser necessário antes ler e/ou ouvir algo referente a essa mesma questão.

A seção de *reading* tem por objetivo avaliar a capacidade dos candidatos de ler e compreender textos tais como os que provavelmente encontrarão em materiais a serem estudados em seu primeiro ano na universidade. Os tópicos podem ser das áreas de ciências naturais, ciências sociais, história ou artes liberais; algumas passagens poderão trazer assuntos referentes a personalidades norte-americanas ou locais encontrados nos EUA (MATTHIESEN, 2011). Essa seção traz de 3 a 4 passagens, com cerca de 700 palavras cada. Após cada uma, seguem-se de 12 a 14 perguntas, que testam aptidões tais como identificar se um trecho é verdadeiro ou falso, fazer inferências, testar conhecimento sobre vocabulário e parafrasear; pergunta-se igualmente sobre significados de determinadas frases, bem como propósitos retóricos e organização geral de ideias. Para responder às questões, o candidato tem de 60 a 80 minutos.

Apesar de o conhecimento prévio sobre o tema da passagem auxiliar importantemente o candidato em relação ao seu desempenho (como veremos a seguir), não há a necessidade de ter-se esse tipo de conhecimento. Todas informações necessárias para que se responda às questões propostas se encontram na passagem em si.

O formato mais comum de perguntas é de múltipla escolha, com quatro alternativas cada. Há também perguntas do tipo inserção – nas quais o candidato deve encaixar determinada frase no local correto do texto –, bem como questões que pedem que se faça um resumo da passagem, entre outras.

A prova de *reading* tem por finalidade, para além de testar a compreensão dos candidatos frente a passagens tais como as que encontrarão em sua vida acadêmica, checar o comando que eles possuem sobre as estratégias *skimming* e *scanning* (conforme descrição na sequência), também sobre como ler rápido e fluentemente, identificar a ideia principal e detalhes que a apoiam, fazer inferências e reconhecer a organização e o propósito da passagem (LOUGHEED, 2011).

Importa a nós, no presente artigo, refletir sobre a seção de *reading* e sobre as estratégias elencadas em livros preparatórios para TOEFL que possuem como objetivo fornecer meios para que o candidato possa se preparar por si; são, portanto, materiais do tipo autoestudo, igualmente chamados de *self-study*.

3. Definindo estratégias e habilidades

De acordo com Goodman (1967), o ato de ler pode ser visto como um "[...] jogo psicolinguístico de adivinhação", pois envolve uma "[...] interação entre pensamento e linguagem"[1]. Pode igualmente ser considerado "[...] não como uma reação ao texto, mas à interação entre escritor e leitor mediada pelo texto" (WIDDOWSON, 1979)[2]. Ainda nessa seara, afirma Solé (1998, p. 22) que a leitura é um processo interativo entre texto e leitor, lê-se para que se atinja determinados objetivos, isto é, "[...] sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura [...] sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade" e que "[...] a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação" (SOLÉ, 1998, p. 27). A fim de dar conta desse processo, encontramos, na literatura sobre compreensão leitora, a distinção entre estratégias e habilidades. Graesser (2007) define estratégia como "[...] uma ação cognitiva e comportamental que se dá sob condições contextuais particulares, com o objetivo de melhorar algum aspecto de compreensão"[3]. É nesse sentido que afirma Carrell (1998) que estratégias concernem à seleção ativa por parte do leitor objetivando alcançar determinado(s) objetivo(s), ao passo que habilidades se referem a técnicas de processamento de informação que são essencialmente automáticas, ou seja, o leitor as aplica de forma inconsciente. Dessa maneira, as estratégias são utilizadas de forma deliberada para que se atinja determinado objetivo, enquanto as habilidades referem-se a processos cognitivos desenvolvidos pelo leitor sem que esse tenha delas conhecimento consciente. Portanto, "Uma habilidade emergente pode tornar-se uma estratégia se utilizada intencionalmente"[4] (CARRELL, 1998).

Para Anderson (1991), ter conhecimento das estratégias não é o suficiente para que o leitor obtenha êxito em sua empreitada; torna-se necessário ter em mente como tais estratégias funcionam, de modo a utilizá-las colaborativamente com estratégias outras. É, então, não o caso de somente saber "o que", mas também "como", ou seja, saber fazer delas uso de maneira apropriada. Cabe notar que nem todos autores fazem uso da nomenclatura habilidade/estratégia. Pereira (2012, p. 83) usa o termo "estratégias" para referir-se a "[...] procedimentos utilizados pelo leitor para processar a informação", sendo que as divide em cognitivas (intuitivas, não conscientes, que equivaleriam a habilidades), e metacognitivas (que equivalem a estratégias, por serem de ordem reflexiva e consciente).

Ainda sobre o tópico relativo à leitura com objetivos estratégicos, Carrell (1998) enfatiza a indissociabilidade existente entre estratégias de leitura e outros processos cognitivos relacionados à atenção, ao raciocínio, à memória etc. Dentre esses, encontra-se a motivação, que, para a autora, desempenha um relevante papel quando da elaboração dos dados encontrados no texto, já que o leitor, além de precisar fazer uso de ferramentas que a ele possibilitem decodificar ou compreender globalmente um texto, precisam também ter a disposição para fazê-lo. A autora ainda argumenta que uma estratégia de leitura de sucesso implica que o leitor esteja ciente sobre qual estratégia

[1] Tradução nossa para o trecho original: "Reading is a psycholinguistic guessing game. It involves an interaction between thought and language". (GOODMAN, 1967, p. 2)

[2] Tradução nossa para o trecho original: "Reading is regarded not as reaction to a text but as interaction between writer and reader mediated through the text." (WIDDOWSON, 1979, p. 169)

[3] Tradução nossa para o trecho original: "A reading comprehension strategy is a cognitive or behavioral action that is enacted under particular contextual conditions, with the goal of improving some aspect of comprehension." (GRAESSER, 2007, p. 6)

[4] Tradução nossa para o trecho original: "An emerging skill can become a strategy when it is used intentionally." (CARREL, 1998)

CC BY

está fazendo uso, bem como sobre a maneira pela qual essa funciona, ou seja, é preciso que o leitor tenha consciência metacognitiva – que o habilitará, entre outros fatores, a ter clareza tanto sobre o que aprendeu quanto quando e onde poderá utilizar esse conhecimento que adquiriu. É por essa razão que Brown (2000) afirma que "[...] para a maior parte dos aprendizes que já são alfabetizados em uma língua prévia, a compreensão leitora é primariamente uma questão de desenvolver estratégias de compreensão apropriadas e eficientes."[5].

Para dar conta das muitas intenções que o leitor pode ter relativamente a determinado texto, faz-se necessário o uso de distintas abordagens. Hedge (2000) elenca dois tipos de conhecimento cruciais quando do momento da leitura: o sistêmico – referente ao material linguístico em si –, e o esquemático – ligado ao conhecimento de mundo do leitor (conforme Tab. 1). O primeiro é entendido enquanto um processo de compreensão do tipo *bottom-up*, ou ascendente, que pode ser brevemente definido como a decodificação de letras, palavras e outros aspectos linguísticos encontrados no texto. O segundo relaciona-se à interpretação do sentido e ao conhecimento de mundo do leitor, é, pois, um processo do tipo *top-down*, ou descendente.

Para a autora, relativamente ao conhecimento sistêmico, os alunos poderão experimentar dificuldades no processamento de textos, caso nesse haja aspectos gramaticais por ele desconhecidos. Sobre o conhecimento esquemático, afirma que somente com um certo nível de competência linguística esse pode ser eficiente. Obter sucesso quando da leitura, então, "[...] depende da interação eficiente entre conhecimento linguístico e conhecimento de mundo"[6] (CLARKE & SILBERSTEIN, 1977). Ainda segundo esses autores, a leitura extrapola os limites da decodificação do material gráfico visualmente contido em seu suporte, vai para além disso, à medida que acessa estímulos referentes a diferentes conceitos armazenados na memória do leitor. Tal é o que ocorre, por exemplo, quando determinadas palavras ou mesmo passagens acionam na mente do leitor algum tipo de conhecimento prévio. É nesse sentido que Karnal (2014) afirma que ambos os processos, *bottom-up* e *top-down*, ocorrem simultaneamente.

Tab. 1: Tipos de conhecimento

Sistêmico	Sintático
	Morfológico
Esquemático	conhecimento geral de mundo
	conhecimento sociocultural
	conhecimento sobre o tópico
	conhecimento do gênero

Seguindo nessa direção, torna-se preciso identificar duas estratégias que "[...] talvez sejam as mais valiosas para aprendizes (e igualmente para falantes nativos)"[7] (Brown, 2000). Trata-se de *skimming* e *scanning*. Quando se opera com *skimming*, rapidamente olha-se o texto para ter-se ideia do assunto em geral, a fim de que seja

[5] Tradução nossa para o trecho original: "For most language learners who are already literate in a previous language, reading comprehension is primarily a matter of developing appropriate, efficient comprehension strategies." (BROWN, 2000, p. 306)

[6] Tradução nossa para o trecho original: "Skill in reading depends on the efficient interaction between linguistic knowledge and knowledge of the world." (CLARKE & SILBERSTEIN, 1977, p. 137)

[7] Tradução nossa para o trecho original: "Perhaps the two most valuable reading strategies for learners (as well as native speakers) are skimming and scanning." (BROWN, 200, p. 308)

possível identificar itens tais como propósito e tópico central. Nós usamos essa estratégia quando, por exemplo, deparamo-nos com um gênero como uma tese: lemos o título, passamos os olhos pelo índice, com o objetivo de identificar os assuntos que serão desenvolvidos, identificamos se há gráficos, tabelas; vamos até a última página para verificarmos sua extensão. Trata-se, pois, de "[...] um passeio global pelo material escrito sem uma busca específica" (PEREIRA, 2012, p. 84). A segunda estratégia a qual faremos referência é o *scanning*. Aqui, o objetivo é fazer uma busca direcionada, procurando algum tipo detalhado de informação, como uma data em um calendário, o número de calorias em um pacote de biscoitos, ou a composição química de determinado medicamento. Seu propósito é extrair dados de determinado texto sem que haja a necessidade de lê-lo por completo. Para fins acadêmicos, "[...] scanning é absolutamente essencial"[8] (BROWN, 2000). É, portanto, a interação entre os tipos de conhecimento e do uso eficiente dos processos que determinarão o sucesso do leitor relativamente às estratégias por ele utilizadas.

Vale ainda ressaltar que, nessa perspectiva, as estratégias aparecem como planejamento sobre como conduzir objetivos e elaborar ações para alcançá-los, bem como sobre a forma de redirecioná-los caso perceba-se que não se está atingindo o fim proposto. Assim, ao deparar-se com algum tipo de obstáculo que impede o fluxo de leitura, o leitor deve ser capaz de reavaliar sua rota e buscar alternativas para superar sua dificuldade. Tal pode ser, por exemplo, a releitura de alguma passagem tida como menos inteligível. Dessa maneira, as estratégias tornam-se atos de autodireção, nas quais há a constante avaliação consciente das ações empreendidas e reparação/modificação dessas quando se percebe que o objetivo ainda não foi atingido (SOLÉ, 1998).

O professor, ao ensinar determinada estratégia cognitiva a seu aluno, acaba por torná-la metacognitiva, pois disso decorre que esse passará a utilizá-la de forma consciente (KARNAL, 2014). Torna-se, então, relevante para o professor, e para o aluno, distinguir entre tipos de conhecimento, processamento e estratégias, uma vez que esses estão intimamente implicados na abordagem que será adotada na leitura de determinado texto, de acordo com o propósito que se pretende atingir.

Nesse sentido, a metáfora de Goodman (1967) relativamente à leitura como um jogo de adivinhação se estende de forma importante para abordagens sobre como lidar com vocabulário novo e/ou desconhecido pelo leitor. Hedge (2000) assevera que "Estudantes são capazes de inferir de 60 a 80 por cento de palavras em um texto se a densidade de novas palavras não for muito alta"[9]. Nesse sentido, Coady e Nation (1988) propõem procedimentos ligados ao uso eficiente das pistas contextuais que aparecem no texto, entre eles: identificar a classe gramatical da palavra desconhecida, observar o contexto imediato em que ela aparece, bem como o contexto mais amplo, identificando dessa forma a relação gramatical que a palavra estabelece relativamente às outras palavras e estruturas que a circundam. Uma outra estratégia desse tipo é proposta por Brown (2000), e refere-se à análise, por parte do leitor, de prefixos, sufixos e radicais familiares.

A estratégia de inferência vai, no entanto, para além da identificação de vocabulário. Brown (2000) sugere que essa seja igualmente utilizada quando não se tem certeza sobre uma relação gramatical, relação discursiva, significado implícito, referência cultural e conteúdo de passagens.

[8] Tradução nossa para o trecho original: "For academic English, scanning is absolutely essential." (BROWN, 2000, p. 308)

[9] Tradução nossa para o trecho original: "Students are able to guess 60-80 per cent of unknown words in a text if the density of new words is not too high." (HEDGE, ano, p. 193).

Muitos autores fazem referência à relevância do ensino de estratégias de leitura. Para Carrell (1998), "[...] a diferença entre um bom ou mau uso de uma mesma estratégia pode repousar sobre o fato de ser usada metacognitivamente ou não"[10]. Uma vez que as habilidades podem ser conscientemente utilizadas pelos leitores, disso decorre que se tornam ferramentas com as quais esses interagem de forma seletiva e flexível. Ainda para a autora, a proficiência relativamente às estratégias não ocorre de maneira acelerada; é antes o resultado de um longo processo de aprendizado, no qual o papel do professor é explicitar e explicar distintas estratégias, enfatizando o que ela chama de cinco elementos metacognitivos: o que, como usar, por quê, quando e como e avaliação. A longo prazo, esse procedimento formará leitores proficientes, que poderão agir de forma responsiva aos textos aos quais são expostos.

Ainda sobre esse assunto, assevera Anderson (1991) que

> A leitura estratégica não é unicamente sobre saber que estratégia utilizar, também o leitor deve saber como usar uma estratégia de forma bem-sucedida, e orquestrar seu uso com outras estratégias. Não é suficiente saber sobre estratégias; o leitor deve também ser capaz de aplicá-las estrategicamente.[11]

4. Procedimentos metodológicos

Antes de darmos início à análise, cabe fazer menção à forma como os dados foram coletados e à maneira como o estudo foi realizado. Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo-qualitativo. Tal se deve ao fato de termos feito um levantamento acerca dos temas estratégias e habilidades de leitura – conforme acima arrolado, tomando por base autores que têm em comum a descrição e foco nesses processos. Para além de constituir-se como uma breve revisão bibliográfica, nosso estudo também é descritivo e qualitativo, uma vez que, a partir das descrições dos conteúdos encontrados nos manuais de autoestudo, e em relação a seu cotejamento com as informações previamente coletadas, procedemos ao exame de tais dados.

A seleção dos materiais de autoestudo preparatórios para o teste em questão se deu principalmente em razão da sua disponibilidade na internet. Dentre esses, selecionamos os que possuem uma seção especial voltada à medição das competências leitoras do candidato, isto é, seções em que são descritas estratégias para que o candidato possa obter êxito em sua aprovação. Seis livros desse tipo foram escolhidos. Além desses, também um que se volta exclusivamente à questão de *reading*. A ordem de exposição na análise se dará em razão do ano de publicação de cada material, do mais recente ao mais antigo (como há manuais publicados no mesmo ano, nesse caso, os apresentaremos em ordem alfabética de acordo com o título do material). Dado que são escritos em língua inglesa, respeitamos as escolhas lexicais dos autores, traduzindo *skill* por habilidade e *strategy* por estratégia.

[10] Tradução nossa para o trecho original: "The difference between good and bad uses of the same reading strategies may lie in whether the strategies are used metacognitively or not." (CARRELL, 1998).

[11] Tradução nossa para o trecho original: "Strategic reading is not only a matter of knowing what strategy to use, but also the reader must know how to use a strategy successfully, and orchestrate its use with other strategies. It is not sufficient to know about strategies; a reader must also be able to apply them strategically." (ANDERSON, 1991, p. 467-468)

CC BY

5. Análise

Feito esse breve passeio no qual nos propusemos a fazer uma revisão não exaustiva acerca de conceitos básicos referentemente a estratégias e habilidades de leitura, passaremos agora à descrição e à análise dos materiais selecionados. Assim, primeiramente descreveremos o conteúdo de cada manual, para logo após tecermos comentários a esse respeito.

1- Princeton Review (2014, autores: Pierce and Kinsel)

Pierce e Kinsel utilizam o termo *skills* para descrever o roteiro que propõem para o autoestudo de seus leitores. Já no início, assinalam para o candidato que esse opere com o que eles denominam de habilidade de "leitura ativa" (*active reading*), que refere-se a "[...] focar-se na totalidade" do texto, em oposição ao que chamam de "leitura cuidadosa" (*close reading*), que significa "[...] ler muito cuidadosamente, prestando bastante atenção aos fatos e detalhes apresentados"[12]. Os autores afirmam que a leitura cuidadosa deve ser evitada, já que o candidato tem o desafio de responder às questões dentro de um curto espaço de tempo. Dentro da categoria leitura ativa, enumeram três passos: encontrar o propósito (entender a razão pela qual a passagem foi escrita), entender a estrutura (mapear a passagem para encontrar as informações mais relevantes) e estabelecer a ideia principal (entender sobre o que é a passagem). Sobre como lidar com passagens difíceis, os autores sugerem: *Skim, don't read!*, e explicam então que se deve focar no contexto geral; e fazem uma alusão a "cortar a gordura" (*trim the fat*) de frases complexas, ou seja, simplificá-las reorganizando-as em termos essenciais: sujeito, verbo, objeto.

Relativamente a esse material, temos que, na verdade, apesar de os autores utilizarem o termo "habilidades", fazem referência a estratégias. Seu *active reading* nada mais é que as estratégias *scanning* e *skimming* utilizadas simultaneamente, ao passo que se procura evitar o processo *bottom-up* (o que é por eles chamado de *close reading*).

2- Barron's (2013, autora: Sharpe)

Sharpe, na edição da Barron's Educational Series, ostensivamente chama de estratégias as orientações que em detalhes descreve. A primeira é "pré-visualizar" (*preview*), para tanto, indica que se olhe para o título e para as divisões do texto, lendo a primeira frase de cada parágrafo e a última frase da passagem como um todo. Na sequência, aparece a estratégia "ler mais rápido"; sobre a qual a autora afirma que se deve ler para compreender o sentido, usando para isso a visão periférica, e desencoraja a leitura palavra por palavra. Cita-se igualmente as estratégias: usar contextos para fazer predições sobre vocabulário e gramática não familiares, fazer inferências localizando a evidência e chegando a conclusões, *skimming* e *scanning* e fazer conexões são as outras estratégias elencadas.

Nesses termos, temos uma referência à “adivinhação”, que pode ser relacionada com o conceito que, como visto anteriormente, Goodman descreveu como *guessing*. Há menção à leitura rápida, nesse sentido, desencoraja-se a leitura *bottom-up* e estimula-se o candidato a fazer conexões, isto é, a utilizar seu conhecimento esquemático.

[12] Tradução nossa para o trecho original: "(...) to read the passage very carefully, paying close attention to the details and facts presented in it." (PIERCE & KINSEL, 2014, p. 19-20)

3- Longman (2013, autora: Philips)

Na parte sobre o panorama que os candidatos encontrarão quando do momento da prova, há uma lista de 10 estratégias, que incluem itens como: não desperdiçar muito tempo em uma pergunta sobre a qual não se tem certeza, *skim* para determinar a ideia principal e organização geral da passagem, e inferir para completar a seção antes que acabe o tempo. À página 10, têm início as "habilidades" que ajudarão o candidato a implementar essas "estratégias" na seção de leitura do TOEFL iBT. Segue-se então uma lista do que a autora chama de *reading skills*. Relativamente a vocabulário e referência, encontramos: entender vocabulário a partir do contexto e reconhecer referentes; na parte sobre frases, lê-se: simplificar os sentidos das frases, ou seja, simplificar frases longas e complexas; sob o tópico detalhes, temos: encontrar informação factual e fazer inferências. Faz-se igualmente referências sobre as habilidades específicas relativas à versão via internet do TOEFL, como, por exemplo, completar tabelas esquemáticas.

Fala-se nesse material sobre estratégias e habilidades, mas não parece claro que a autora opere com esses conceitos de forma distinta; parece, antes, que os utiliza de forma intercambiável e indiscriminada. Quando fala sobre não gastar muito tempo em questões sobre as quais você está incerto, faz-se referência à "adivinhação"; a habilidade referente a simplificar os sentidos da frase já foi mencionada – é a mesma que previamente apareceu no material da Princeton como "cortar a gordura". Ao mencionarem a habilidade sobre encontrar informação factual, fazem uma alusão ao *scanning*.

4 - ETS (2012)

Nesse material de autoestudo, temos, de forma bastante simplificada, uma descrição sobre habilidades de leitura em nível acadêmico. São elas: 1. ler para encontrar informações, 2. compreensão básica (compreender as ideias mais importantes, referências pronominais, bem como fatos, detalhes e vocabulário em contexto; também a habilidade de fazer inferências) e 3. ler para aprender. Sob esse último item, encontramos, entre outros: reconhecer a organização e propósito da passagem e entender relações entre ideias.

Uma vez que a descrição das estratégias é bem simplificada, pouco podemos comentar a respeito delas. Entretanto, reconhecemos que há referências diretas às duas estratégias mais recorrentes: *scanning* (ler para encontrar informações) e *skimming* (denominado "compreensão básica").

5 - Macmillan (2011, autor: Lougheed)

Aqui temos, inicialmente, uma menção à habilidade de "fazer anotações"; nesse sentido, faz-se menção a dois itens: estabelecer contextos e *skimming* e *scanning*. Referentemente ao primeiro, a ênfase está em estabelecer contextos antes do início da leitura, focando nas seguintes perguntas: o que, onde, quando, quem e por que. *Skimming* e *scanning* aparecem então como itens importantes para que esse fim seja atingido. Há uma breve exposição sobre como operar com essas estratégias, na qual se afirma que a primeira auxilia a obter-se a ideia e contexto gerais, bem como palavras-chave que auxiliam a fazer suposições e adivinhações lógicas (*logical guesses*). Dessa forma, sugere-se que, para estabelecer o contexto, devem ser lidos o título da passagem, o primeiro parágrafo e a primeira frase de cada parágrafo. Relativamente ao *scanning*,

recomenda-se que se faça uso dessa estratégia para localizar outras palavras que tenham relação com as palavras-chave, para confirmar suposições e para ler as questões e alternativas. No capítulo específico sobre *reading*, são enunciadas 10 habilidades, cada uma relacionada com os tipos de questões que afirma o autor poderem aparecer na prova. Dividem-se em "compreensão básica" e "aprendendo a ler". Em "compreensão básica", temos 8 itens, quais sejam: informação factual, vocabulário, negativo (perguntas sobre algo que não está incluído na passagem), inferência, propósito, referência, simplificação, inserção de texto; em "aprendendo a ler", encontram-se resumo e conclusão. Seguem-se, após cada item, questões ilustrativas.

Vemos que, nesse caso, as habilidades listadas não se constituem em estratégias em si, mas no reconhecimento do tipo de perguntas que podem ser feitas. Referem-se, portanto, ao entendimento de como a prova é organizada. Apesar das "dicas" (*tips*) que se seguem à descrição de cada tipo de questão, ainda há basicamente a forma como cada questão pode aparecer, e não a explicitação de estratégias para que se atinja o objetivo. A real contribuição nesse manual em relação a estratégias está em explicitar o que vêm a ser *skimming* e *scanning*, que aparecem no capítulo introdutório, e não no capítulo específico sobre *reading*. Faz-se novamente referência à simplificação das frases.

6- Peterson's (2007)

O manual da Peterson's, ao contrário dos outros analisados, propõe-se a preparar o candidato especificamente para a seção de *reading*, e não para o teste em sua totalidade. Já no título, temos uma referência a habilidades de leitura – *reading skills*. À página 4, o autor adverte:

> Não é somente provável que você possa responder a todas as questões sem ler a passagem inteira; é imperativo que você leia unicamente o necessário para respondê-las. NÃO LEIA A PASSAGEM INTEIRA ANTES DE COMEÇAR A REPONDER ÀS PERGUNTAS!"[13] (destaque acrescido pelo autor).

O capítulo 3 chama-se "Desenvolvendo habilidades de compreensão de leitura". Nele encontramos uma pequena lista, que traz os seguintes itens: encontrar as ideias principais e detalhes que lhes dão apoio, *skim* para encontrar informações específicas, fazer inferências, entender comerciais, entender passagens sobre tópicos contemporâneos, ler textos de história e interpretar materiais de cunho científico.

Percebe-se que o foco é *skimming*, que aparece no alerta que o autor tão contundentemente faz a seu leitor. Entretanto, menciona-se usar *skimming* para que sejam encontradas informações específicas, o que é claramente um equívoco, já que essa estratégia é conhecida pelo nome de *scanning*. Os últimos itens elencados, nominalmente: entender comerciais, entender passagens sobre tópicos contemporâneos, ler textos de história e interpretar materiais de cunho científico, não se referem a estratégias em si, mas, de fato, a conhecimento sobre tipos específicos de gêneros textuais.

[13] Tradução nossa para o trecho original: "It is not only probable that you can answer all questions correctly without reading the entire passage; it is imperative that you read only what is necessary to answer the questions. DO NOT READ THE ENTIRE PASSAGE BEFORE YOU START ANSWERING THE QUESTIONS!" (PETERSON'S, 2007, p. 4).

CC BY

7 - THOMSON (2007, autor: Rogers)

Rogers, autor do manual da Thomson, argumenta que não se lê um jornal e um livro da mesma forma, já que essa atividade depende tanto do que se está lendo como do propósito da leitura. Entretanto, nesse material de autoestudo não há, de forma geral, referência explícita a estratégias, com exceção do *scanning* e *skimming*. A primeira aparece à página 27 como uma das formas para que se aborde questões do tipo factual, ou seja, questões que perguntam sobre dados fatos ou detalhes encontrados na passagem. A estratégia *skimming* é brevemente citada no item "táticas para leitura", na qual se lê que o candidato deve aplicá-la se poucos minutos faltam para o fim do teste. O autor elenca, inicialmente, 9 tipos de perguntas, e dá exemplos de como essas aparecem no teste. Estão entre elas questões de inferência, sobre vocabulário, reescrita e simplificação de frases e questões de referência – que perguntam a que se referem certas palavras ou pronomes. O autor igualmente cita perguntas que se encontram especificamente na versão *on-line* do teste, e que portanto possuem instruções especiais (questões sobre adição de trechos à passagem, sobre resumos e também questões nas quais o objetivo é completar um gráfico ou esquema). Sugere-se que, em casos de questões de múltipla escolha, em relação às quais o candidato não tem certeza sobre como responder, se faça uma "adivinhação", que deve ser conduzida após um processo de eliminação das alternativas que o candidato categoricamente reconhece como não pertinentes. Na seção específica sobre perguntas referentes a vocabulário, faz-se referência, entre outros, à questão de análise do contexto geral e à morfologia das palavras (radicais, sufixos e prefixos).

Apesar do *skimming* ser citado à página 16, não se explicita como proceder relativamente a essa estratégia, diferentemente do *scanning*, que é descrito em detalhes. Quando o autor fala sobre como abordar as passagens e as questões, vemos que a leitura não deve ser, para esses propósitos, um fator de prazer, e sim algo de caráter utilitário, em que não há tempo para que se faça uma leitura detalhada; faz-se, nessa direção, referência à leitura palavra por palavra (*bottom up*), que deve ser evitada, pois "[...] retarda (o ato de ler) e interfere na compreensão"[14].

A fim de melhor acessar os dados descritos, organizamos, na tabela 2, as estratégias mais recorrentemente citadas nos manuais, bem como sua ocorrência:

Tab. 2: Estratégias mais recorrentes nos manuais analisados

	Manuais						
Estratégias	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**
Skimming/scanning	x	x	x	x	x	x	x
Evitar bottom-up	x	x				x	x
Ler rapidamente		x	x				
Simplificar a estrutura	x		x		x		
Usar contextos		x	x	x	x	x	x
Fazer inferências		x		x			
Adivinhação (guessing)		x	x		x		x

Em todos os materiais examinados, encontramos uma farta análise de exemplos sobre como proceder relativamente às questões propostas, satisfazendo, assim, através

[14] Tradução nossa para o trecho original: "Word-by-word reading slows you down and interferes with your comprehension" (ROGERS, 20017, p. 11).

de um modelamento, uma condição necessária para a aprendizagem. Os autores enfatizam que se faça um uso utilitário das habilidades descritas, uma vez que não se ganha pontos por ler, mas por responder corretamente.

Analisando a segunda tabela apresentada neste artigo, torna-se perceptível que as estratégias mais citadas são *skimming* e *scanning*, ocorrendo na totalidade dos manuais analisados. Entretanto, sua explicitação não se dá em todos; algumas vezes, as estratégias são somente citadas. No manual 1, como já visto, essas aparecem sob o nome de "leitura ativa".

Evitar o processamento *bottom-up* aparece com outros nomes nos manuais 1, 3 e 6: no número 1 aparece como evitar a "leitura cuidadosa", no 3, refere-se a não perder muito tempo em perguntas sobre as quais não se tem certeza em relação à resposta; e no manual 6 indica-se que não se leia a passagem inteira antes de responder às questões, ou seja, que não se faça uma leitura pormenorizada da passagem.

Em 2 e 3 há referências à leitura rápida; no manual da Longman, essa estratégia ocorre no contexto de que não se deve gastar muito tempo em uma passagem de difícil compreensão.

O item relativo à simplificação ocorre em 1, 3 e 5. No manual da Princeton, cria-se uma metáfora para essa estratégia: a já comentada "cortar a gordura", que nada mais é que organizar a frase em seus elementos essenciais, a fim de que se possa nela perceber de forma mais clara sua estrutura.

A estratégia "usar contextos", especificamente em relação sobre como usá-los para a questão específica do vocabulário, é encontrada nos materiais 2, 3 e 4. Vê-se assim a relevância da utilização do conhecimento esquemático para o bom desempenho dos candidatos.

Fazer inferências é uma das estratégias que aparece no material elaborado pela ETS; ocorre igualmente no manual 2, como condição para que se possa localizar evidências e dessa maneira chegar a conclusões. “Adivinhação”, por sua vez, ocorre em 4 manuais, sendo que, no manual 5, é designada como *logical guesses*. Parece-nos que seja uma mera questão de escolha lexical dos autores utilizar o termo inferência ou adivinhação, dado que referem-se a processos semelhantes. Por esse motivo, quando uma dessas estratégias é mencionada em um manual, a outra fica ausente (exceção feita ao manual 2, no qual ambas são elencadas).

6. Para concluir

Concordamos com Borges (2018, p. 18), quando a autora assevera que "[...] a intenção do leitor o fará utilizar a(s) estratégia(s) mais adequada(s) em função do contexto de leitura em que ele estiver inserido" e que "[...] a compreensão melhora quando o leitor possui um objetivo com a tarefa a ser desempenhada." (p. 19). Nesses termos, pergunta-se se é possível ensinar com sucesso estratégias de leitura. Apesar de, para nossos propósitos, não estarmos trabalhando com a figura de um professor efetivo *per se*, uma vez que estamos lidando com manuais de autoestudo, podemos pensar nos autores como sendo os instrutores. Nessa direção, o ensino das estratégias não só é possível, mas necessário. "O professor precisa estar consciente da finalidade de determinada leitura, assim como precisa explicitar tal objetivo ao aluno" (BORGES, 2018, p. 19).

As estratégias, então, não são postas em ação de maneira isolada, a sua separação somente pode se dar no nível da abstração. Assim, os leitores simultaneamente acessam seus conhecimentos prévios, elaboram previsões, tentam inferir sentidos implícitos, etc. Aparece aqui a figura do "[...] leitor como processador

ativo do texto, leitura enquanto processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle dessa compreensão - de comprovação de que a compreensão realmente ocorre." (SOLÉ, 1998, p. 24)

Leitores proficientes não abordam diferentes textos da mesma maneira, e esse é um índice de competência leitora; isto é, a cada situação que se apresenta, um determinado feixe de estratégias – e não outro – será posto em ação. É plausível acreditar que aprendizes que estão candidatando-se para um exame de proficiência em uma língua que não é a sua materna já tenham internalizadas muitas estratégias de leitura. Entretanto, tê-las internalizadas não parece ser suficiente para que eles obtenham êxito em seu propósito.

Nesses termos, é então a explicitação do que sejam essas estratégias e como elas funcionam que pode ser determinante quando do desempenho satisfatório do candidato; mesmo que alguns dos manuais submetidos a escrutínio não façam menção nominal a estratégias (ou habilidades), já que utilizam em seu lugar termos como "táticas" ou "dicas". De fato, não parece ser o caso de o candidato estar familiarizado com peculiaridades a respeito de cada estratégia, essa é uma tarefa para especialistas. Não é o objetivo instrumentalizar os leitores com um grande número de estratégias, mas ensiná-los a utilizar as mais relevantes – com o propósito de obter êxito no TOEFL – de maneira que possam ter noção global sobre o que o texto versa e sobre como extrair desse as informações necessárias para que se responda às questões propostas. Trata-se, portanto, de uma leitura efetivamente estratégica, não voltada à fruição, mas com fins altamente utilitários.

Como os candidatos, em sua maioria, estão altamente motivados em seu propósito – serem aceitos em uma instituição de ensino ou obterem um desempenho satisfatório no teste de proficiência –, basta a eles que saibam reconhecer o tipo de leitura que estão prestes a empreender (pois a leitura de um romance não é a mesma que a de uma bula de um medicamento), que tipos de informação eles devem depreender dessa leitura e as formas como podem conscientemente fazê-lo, ou seja, ter noção metacognitiva, sabendo controlar e regular o processo envolvido no próprio ato de aprender. Dessa maneira, estarão treinando o tipo de consciência linguística que implicará diretamente em seu sucesso.

Para encerrar, trazemos uma citação de Solé (1998, p. 80), que afirma: "Deve-se conseguir que os alunos se transformem em leitores ativos e autônomos, que (aprendam) de forma significativa as estratégias responsáveis por uma leitura eficaz e que (sejam) capazes de utilizá-las independentemente em vários contextos".

Referências

ANDERSON, N. J. Individual differences in strategy use in second language reading and testing. In:*Modern Language Journal,* v.75, p. 460-472, 1991.

BORGES, C. B. *Objetivo de leitura e processo de compreensão leitora.* Porto Alegre, 2018. 132 f. Dissertação. Mestrado em Linguística. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS.

BROWN, D. H.*Teaching by principles. An interactive approach to language pedagogy.*2nd. ed. White Plains, NY: Longman, 2000.

CARRELL, P. L. Can Reading Strategies be Successfully Taught? In: *The Language Teacher. Issue* 22.3; March, 1998. Disponível em: https://jalt-publications.org/tlt/articles/2259-can-reading-strategies-be-successfully-taught.Acesso em: 9 jun. 2019.

CLARKE, M. A.; SILBERSTEIN, S. Toward a realization of psycholinguistics principles for the ESL reading class**.** In: *Language Learning* 27, 1977, p. 135-54. Disponível em: https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/98335/j.1467-1770.1977.tb00297.x.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 9 jun. 2019.

COADY, J.; NATION, I.S.P. Vocabulary and reading. In: *Vocabulary and Language Teaching* eds. R. Carter and M. McCarthy. London: Longman, 1988, p. 97-110.

ETS. *The Official Guide to the TOEFL® Test*. 4th. New York, NY: McGraw-Hill, 2012.

GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game, 1967. Disponível em: https://www.csie.ntu.edu.tw/~r99922026/tmp_zero/Reading_A_Psycholinguistic_Guessing_Game.pdf. Acesso em: 9 jun. 2019.

GRAESSER, A. C. An introduction to strategic reading comprehension. In: *MCNAMARA, D. S. Reading comprehension strategies. Theories, inventions and technologies*. University of Memphis. Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 2007, p.3-26.

HEDGE, T. *Teaching and learning in the language classroom.*Oxford: Oxford University Press, 2000.

KARNAL, A. R. A Atualidade da pesquisa sobre as estratégias de leitura no Brasil.*Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 8, n. 10, 2014. Disponível em: http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6280/5797 Acesso em: 9 jun. 2019.

LOUGHEED, L. *Direct to TOEFL iBt - Macmillan Exams - Student's book*. Oxford: Macmillan Publishers Limited, 2011.

MATTHIESEN, S. J.*Essential words for the TOEFL®.*5th. New York: Barron's Educational Series, 2011.

PEREIRA, V. W. A predição na teia de estratégias de compreensão leitora. *Revista Confluência*. Rio de Janeiro: Ed. Instituto de Língua Portuguesa, v. 1, p. 81-91, 2012.

PETERSON'S. *Master the TOEFL reading skills.*Lawrenceville, NJ: Peterson's, 2007.

PHILIPS, D. *Longman preparation course for the TOEFL test: Ibt*. 2nd. ed. White Plains, NY: Pearson Education, 2013.

PIERCE, D.; KINSEL, S. *Cracking the TOEFL iBT.* New York: The Princeton Review. Random House Inc, 2014.

ROGERS, B. *The complete guide to TOEFL test iBT edition.* Boston: Thomson Heinle, 2007.

SHARPE, P. J. *Barron's TOEFL iBT.* 14th ed. New York: Barron's Educational Series Inc., 2013.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura.*Porto Alegre: Artmed, 1998.

WIDDOWSON, H. G. *Explorations in Applied Linguistics.* Oxford: Oxford University Press, 1979.

Recebido em 11 de agosto de 2019

Aceito em 24 de novembro de 2019